

A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NA RELAÇÃO DE CRIANÇAS COM FILMES

Aluna: Luciana Silva dos Santos

Orientador: Rosália Duarte

Introdução

Este texto traz uma reflexão sobre conhecimento estético e sobre como este se configura no indivíduo. A motivação para pensar tal relação surgiu através de minha participação no Grupo de Pesquisa em Educação e Mídia (GRUPEM), no qual venho atuando na pesquisa desenvolvida por este grupo, desde agosto de 2006. Neste momento, se iniciava um estudo com um conjunto de aproximadamente 25 crianças, com idades entre 8 e 13 anos, que pouca ou nenhuma experiência tinham como expectadoras de filmes em salas de cinema.

Esse estudo, coordenado pela Professora Doutora Rosália Duarte, tem como tema a relação que as crianças estabelecem com a produção audiovisual e foi desenvolvido em duas etapas: a primeira constando de uma pesquisa sobre a relação de crianças com a televisão e a segunda, de cunho exploratório, buscava compreender a relação de crianças com filmes. Durante a realização dessa etapa, promoveu-se a exibição de filmes e oficinas de produção (de desenho em papel, de animação em sombra e animação com massinha), bem como, idas ao cinema. A análise do material coletado nesse estudo motivou a realização deste trabalho.

Essas crianças nos foram apresentadas como expectadores que não compreendiam os filmes que viam. Deste modo, propúnhamos favorecer o contato desses sujeitos com uma conjunto diversificado de produções cinematográficas, a fim de avaliar se essa experiência teria impacto no modo de ver e julgar filmes. Entretanto, contrariando nossa hipótese inicial, de que este grupo não tinha por hábito assistir a filmes com frequência (neste momento pensávamos em produções advindas de qualquer veículo, tais como, salas de projeção, DVD, vídeo-cassete, televisão), percebemos que se tratava de espectadores com acesso a produções audiovisuais veiculadas pela TV e em DVD, vistas em quantidade considerável.

Posteriormente, passamos a uma fase de análise do material coletado (registros, escritos e videogravados de observações de campo, de oficinas e entrevistas). Foi neste momento que, a partir do fato daquelas crianças, cujo relacionamento com filmes era tão intenso, quantitativamente, serem menos receptivas aos filmes que exibimos para elas surgiu a indagação se isto se devia, em alguma medida, à falta de um conhecimento específico, que permite discriminar e distinguir, pela qualidade estética, diferentes obras no interior de uma determinada forma de arte.

Nesta tentativa de reflexão sobre a experiência estética, buscando objetivar aquilo que é subjetivo, pensei na minha própria história com o cinema. Atravessada majoritariamente pela cinematografia americana, há pouco tempo essa trajetória vem se ampliando no contato com outras estruturas narrativas (outras origens geográficas e culturais) ao frequentar, por intermédio e incentivo de amigos e do meio acadêmico, festivais e mostras de cinema e nas discussões com o grupo de pesquisa sobre a seleção de filmes infantis de qualidade que seriam exibidos pela equipe às crianças com as quais estávamos trabalhando.

Ressalto que a argumentação sobre experiência estética, construída neste trabalho, está diretamente ligada à relação com a produção audiovisual, uma vez que nela tiveram origem nossas inquietações. Pretendo, ainda, articular experiência estética audiovisual e educação, acreditando ser esta uma possibilidade de contribuir para a discussão acerca da formação do gosto.

Objetivos

Refletir sobre a experiência estética no âmbito da formação social do gosto, a partir de discussões desenvolvidas pelo GRUPEM sobre a relação de crianças com filmes. Pensar em que medida o conhecimento estético, ao se relacionar com a experiência estética, poderia contribuir para adensá-la. Propor a escola como um espaço de formação estética audiovisual.

Metodologia

Revisão de literatura com base em um referencial teórico que oferece suporte para pensar as questões norteadoras do trabalho motivado pela análise qualitativa, realizada pelo GRUPEM, de material empírico coletado no estudo exploratório.

Conclusões

As reflexões que venho construindo até o momento, me levam a defender a idéia de que a experiência estética é inerente à condição humana, no entanto, o conhecimento estético relacionado à capacidade de julgar e de classificar obras de arte, no que diz respeito a uma forma de arte específica, precisa ser ensinado/aprendido. Penso que é possível considerar a escola como um espaço privilegiado de construção do conhecimento estético, neste caso, relativo à produção audiovisual, visto que, essa instituição lida com crianças e adolescentes para os quais a produção audiovisual é a principal (senão a única) forma de consumo cultural.

Referências

- ANDRADE, Arheta Ferreira de. **Por uma estética de respeito às diferenças: Projeto Pátio da Fantasia**. Dissertação de mestrado; orientador: Leandro Konder. Rio de Janeiro: PUC-Rio, Departamento de educação, 2008.
- 2 - BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. Tradução: Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- 3 - DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **Fundamentos estéticos da educação**. Campinas, SP: Papyrus, 1988.
- 4 - ELIAS, Norbert. **Mozart, sociologia de um gênio**. Organizado por Michael Schröter; tradução, Sergio Goes de Paula; revisão técnica, Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.
- 5 - FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte** /. 3. ed. - Rio de Janeiro : Zahar, 1971.
- 6 - MARCUSE, Herbert. **A dimensão estética**. Tradução de Maria Elisabete Costa. Lisboa: Edições 70, 1999.
- 7 - SACRAMENTO, Winston. **A experiência televisiva como mediadora da relação de crianças com o cinema**. Dissertação de mestrado; orientadora: Rosália Duarte. Rio de Janeiro: PUC-Rio, Departamento de Educação, 2008.